

1. Tratamento com ímãs pode ser efetivo no controle da dor pélvica

De acordo com um estudo apresentado no Congresso do Colégio Americano de Obstetrícia e Ginecologia, 60% das mulheres tratadas com ímãs obtiveram redução na dor pélvica. A dor pélvica crônica é um problema comum que pode ser causado por endometriose, bridas cirúrgicas ou pode ter um componente psicológico decorrente de abuso sexual. No estudo, 14 mulheres entre 18 e 50 anos foram divididas aleatoriamente em dois grupos, um com tratamento simulado (ímã inativo) e outro com ímãs reais. Os ímãs foram fixados em dois pontos de gatilho por duas semanas e foram eficientes em reduzir a dor em 60% das mulheres. A eficácia dos ímãs ainda não foi comprovada devido ao tamanho da amostra do estudo, mas um novo estudo com 30 mulheres está em andamento.

2. Andar de bicicleta pode reduzir a percepção da dor

Segundo um estudo apresentado no Congresso Anual do Colégio Americano de Medicina Esportiva, 25 minutos de exercício em uma bicicleta ergométrica reduzem a percepção da dor. A percepção dolorosa foi medida com o uso de força compressiva nos dedos indicadores de indivíduos saudáveis ou portadores de dores nos músculos lombares. Todos os participantes relataram redução na dor pela compressão até 30 minutos após o exercício. Exercícios podem, desta forma, ser úteis no tratamento de dores crônicas.

3. O estresse ajuda as mulheres a viverem saudavelmente

As mulheres reagem ao estresse de forma diversa à do homem. Elas se envolvem com as crianças e procuram os amigos em vez de usar o reflexo "luta -ou- morte".

4. Inibidores da COX-2 podem ser úteis para o tratamento do câncer

Pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Vanderbilt, (Nashville, Estados Unidos) observaram redução dos tumores de pulmão e do desenvolvimento de vasos sanguíneos responsáveis pela oxigenação e nutrição dos tumores, em animais deficientes do gene para a síntese da enzima ciclooxigenase do tipo 2 ou COX-2 (cuja expressão é induzida em processos inflamatórios). Os cientistas também observaram que o tratamento com inibidores seletivos da COX-2 também reduziu significativamente os níveis desses fatores em animais cujo gene estava ativo. Os autores descreveram ainda que os níveis de fatores de crescimento envolvidos na angiogênese são significativamente mais baixos em animais deficientes do gene da COX-2. Essa alternativa terapêutica abre novas perspectivas para a cura do câncer, mesmo em casos de tumores em desenvolvimento.

Referência: Journal Clinical Investigation, 105 (11): 1589-1594, Jun 2000.

5. Utilização da terapêutica genética no tratamento da dor

A infecção de camundongos com vírus Herpes Simplex recombinante, contendo o cDNA para a prepoencefalina humana, precursor peptídico opióide, possibilita o aumento deste peptídeo dos terminais centrais dos neurônios do glânglio da raiz dorsal, mostrando apropriada transmissão e expressão do gene. Após a sensibilização com capsaicina ou dimetilsulfóxido, a resposta de retirada da pata foi reduzida ou eliminada nos animais infectados. O bloqueio da sensibilização foi revertido pela administração de naloxone, indicando seletiva alteração da função dos neurônios opioidérgicos pela terapêutica genética.

Referência: PNAS, 96 (6): 3211-3216, March 1999.

6. Nova alternativa de terapia para a dor intratável

Ziconotide, novo bloqueador de canais de cálcio tipo N, é a mais nova alternativa para a terapia da dor intratável desenvolvida pela Elan Corporation. Em estudo submetido à New Drug Application (NDA) para a aprovação do composto, a Elan descreve a eficácia de utilização de ziconotide por via intra-tecal em 700 pacientes portadores de dor crônica, nos quais o tratamento com opióides por via sistêmica foi ineficaz ou observou-se intolerância aos efeitos colaterais. Recentemente foi publicado um trabalho confirmando estes resultados positivos e demonstrando a eficácia do ziconotide no tratamento da dor. Porém, em outro trabalho foram relatados sérios efeitos colaterais, como agitação e desorientação, que levaram à suspensão da administração da droga.

Referência: Pain, 85: 287-289; 291-296, 2000.

7. Substituto para a morfina

Pesquisadores da Universidade da Califórnia (São Francisco, Estados Unidos) liderados pelo Professor John Levine desenvolveram uma estratégia no combate à dor com efeitos colaterais mínimos, o que representa uma alternativa terapêutica à morfina, a qual causa tolerância e dependência. Os agonistas kappa-opioides (k-opioides) vêm sendo empregados clinicamente há mais de 40 anos, entretanto, com má reputação como analgésicos e eficácia diferenciada em relação à dor em homens e mulheres. Estudos realizados em 1996 demonstraram que os k-opioides promovem efeito analgésico em mulheres, as quais preferem os k-opioides à morfina, mas não em homens. Em um recente estudo os pesquisadores administraram os k-opioides associados ao naloxone (antagonista dos receptores mi-opioides não específico), o que causou efeito analgésico prolongado tanto em mulheres como em homens com mínimos efeitos colaterais.

8. Nova formulação da morfina facilita sua administração

Em dezembro de 1999, a West Pharmaceutical Services anunciou o início dos testes para uma nova formulação da morfina que será administrada por via nasal. A morfina nasal terá as mesmas propriedades farmacológicas da morfina intravenosa, mas com maior facilidade de administração. Os testes iniciais mostraram que a nova formulação produziu analgesia cinco minutos após sua administração.

9. Quem sente mais dor, homens ou mulheres?

Pesquisas recentes sugerem diferenças entre homens e mulheres na sensibilidade dolorosa e também na eficácia de vários agentes analgésicos. Estas diferenças estariam relacionadas às variações hormonais do ciclo menstrual, sendo as mulheres mais sensíveis à dor. Entretanto, durante a gravidez os altos níveis hormonais promovem um aumento do limiar doloroso, atingindo um pico próximo ao momento do parto. Outros resultados demonstram que a analgesia produzida pela morfina é mais intensa em mulheres. Por outro lado, a ação do ibuprofeno é acentuada em homens. Estes achados são de grande interesse para o tratamento da dor, porém há ainda muitos pontos contraditórios e inconclusivos que necessitam de melhor investigação.

Referência: Neuroscience and Biobehavioral Reviews, 24: 485-501, 2000.

10. Rofecoxib afeta função renal em pacientes idosos

A aspirina e outros anti-inflamatórios não-esteroidais foram originalmente reconhecidos como inibidores da síntese das prostaglandinas (PG) a partir do ácido araquidônico. Hoje, sabe-se que estas drogas agem na inibição da ciclooxigenase (COX) e, conseqüentemente, há redução da síntese de PGG₂ e PGH₂. A COX-1 e COX-2 são isoformas da enzima que diferem na sua sensibilidade à inibição por drogas anti-inflamatórias. A inibição seletiva da COX-2 pode ter vantagens terapêuticas, visto que esta isoforma está provavelmente envolvida na

produção de PG nos sítios de inflamação, mas não em outros sítios como, por exemplo, o trato gastrointestinal. No entanto, o Rofecoxib, um novo inibidor seletivo da COX-2, afeta a função renal de pacientes idosos, da mesma forma que os antiinflamatórios não seletivos. Swan et al (2000) utilizando dose única da droga, observaram que pacientes que receberam indometacina ou rofecoxib tiveram significativa diminuição da taxa de filtração glomerular. Os autores sugerem que há pouca diferença entre as alterações renais observadas com a utilização de inibidores da COX-2 ou inibidores não seletivos, assim devemos estar atentos a possíveis efeitos colaterais decorrentes do uso destes novos inibidores seletivos da COX-2. Referência: Ann. Intern. Med., 133 (1):1-9, 2000